

**Joaquim Izidro
do Nascimento:
PAIXÃO
PELOS
ORATÓRIOS**



INSPETORIA SALESIANA DO NORDESTE DO BRASIL

Coleção *Vida Salesiana*

**JOAQUIM IZIDRO DO NASCIMENTO:
PAIXÃO PELOS ORATÓRIOS**

02

RECIFE

2017

Título: Joaquim Izidro do Nascimento – paixão pelos oratórios
Coleção: VIDA SALESIANA 2
Promoção e realização: Inspetoria Salesiana do Nordeste do Brasil
Coordenação: Pe. José Pereira Lima Filho SDB
Luiz Moura AFS
Colaboração: José Pereira Lima Filho
Luiz Moura
Capa: Jakeline Lira
Revisores: Luiz Moura
Pe. José Pereira Lima Filho
Editorial: Pe. Raimundo Ricardo
Luiz Moura
Impressão: FASA GRÁFICA
Contatos: Inspetoria Salesiana do Nordeste do Brasil – (81)2102-0800
Luiz Moura – (81)9 9976-2816
Pe. José Pereira – (81)3542-1320

EDITORIAL

Caro amigo e amiga da família salesiana

Você está recebendo os fascículos da coleção VIDA SALESIANA. São cadernos que têm como objetivo cultivar, animar, alegrar o espírito de família segundo o coração de D. Bosco; serve também de apoio para o trabalho com grupos de jovens, professores e animadores dos oratórios.

A primeira remessa tem número limitado e é publicada como se estivesse em fase experimental e tem a mão de vários colaboradores; são 200 cópias de 3 cadernos bem distintos: 'Pedagogia do Pátio' para educadores e animadores de oratórios; 'Só risos na vida salesiana – fioretti' contam fatos engraçados envolvendo sobretudo os salesianos e 'Joaquim Izidro – paixão pelos oratórios' que conta a história simplificada de um cooperador salesiano apaixonado pelos oratórios

Se a proposta surtir efeito, as publicações vão continuar com outros focos e temas; é só aguardar.

Pe. Ricardo assim se expressou: apresentando esses cadernos:

'Parabéns a você Padre Pereira e a você Moura que, ligados em Dom Bosco, à sua Pedagogia e a iniciativas outras em torno sobretudo dos Oratórios, lutam pelos ideais da educação dos jovens tendo como modelo aquele que empolgou e conquistou o coração dos jovens, Dom Bosco: "Por vós estudo, por vós

trabalho, por vós eu vivo, por vós estou disposto até a dar a vida” (Const. 14).

Para vocês, queridos oratorianos e para vocês amigos dos Oratórios, também vocês que trabalham com os salesianos, como Animadores dos Oratórios, que conhecem, vivem e trabalham continuando a missão de Dom Bosco, servindo-se da Pedagogia do Pátio, dos Fioretti Salesianos e, sobretudo para vocês que conheceram o grande amigo e animador dos Oratórios em Juazeiro do Norte, **Joaquim Isidro, dedico estas linhas introdutórias e estimuladoras à leitura deste material tão rico e tão importante para a formação e missão de vocês entre os jovens.**

Dom Bosco lá do céu abençoe todos nós e para vocês alcance de Deus muitas e especiais graças a fim que continuem firmes e fortes na missão que receberam’.

Recife, 5 de fevereiro de 2017

ÍNDICE

JOAQUIM IZIDRO DO NASCIMENTO	7
VOCAÇÃO	12
UM CORAÇÃO ORATORIANO	17
ORATÓRIO PE. LUIZ CASSIANO	21
MORRE UM CORAÇÃO ORATORIANO	25
EPITÁFIO	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

JOAQUIM IZIDRO DO NASCIMENTO

Houve um homem chamado por Deus e seu nome era Joaquim; sua missão nunca esteve distante do lugar onde nasceu; foi chamado ali, ali viveu, ali trabalhou, viveu o evangelho de Jesus segundo o coração de São João Bosco e depois de cumprir sua missão retornou realizado para a casa do Pai. Não é exagero afirmar que a vivência religiosa de Joaquim Izidro beirava a uma mística cristã profunda.

Mas quem é Joaquim? Quem são seus pais? O que faz na vida?

Joaquim Izidro do Nascimento nasceu no dia 8 de janeiro de 1942, numa pequena vila da gigante cidade de Juazeiro do Norte, chamada Palmeirinha; na época a vila era constituída de poucas casas, sem ruas calçadas, tendo a Igreja do Sagrado Coração de Jesus no centro em um lugar elevado. Está a 4 km de Juazeiro do Norte na estrada que dá para Fortaleza via Caririaçu e Quitaiús. Apesar da proximidade com a metrópole interiorana, até hoje não se desenvolveu satisfatoriamente. A população da vila mantinha relação com Juazeiro através da venda de produtos dos sítios; Assim em dia de feira trazia, porco, galinha, bode, frutas, legumes, feijão e beijos das casas de farinha das roças da redondeza, batatas e outras raízes.

A mãe contou que o enxoval para o nascimento dele, foi tudo muito pobre e difícil de se conseguir.

Foram seus pais José Izidro do Nascimento e Maria Vieira do Nascimento, gente do povo imbuída de profunda religiosidade formada, na “lei católica” como se costumava dizer na época, carregando no pescoço o rosário da mãe de Deus. Característica do juazeirense é o uso do rosário no pescoço que era feito de pequenas bolinhas enfileiradas num cordão que era fechado na ponta com medalhas do Coração de Jesus, Coração de Maria ou

do Pe. Cícero. Não se pode imaginar um juazeirense católico sem o rosário que era bento na ocasião em que o fiel o levava para a capela do Socorro' e punha por alguns instantes sobre o túmulo do padrinho Pe. Cícero, enquanto se fazia alguma oração silenciosa. Qualquer pessoa podia avistar Joaquim Izidro sem cordão de ouro ou de prata no pescoço mas jamais foi visto sem o rosário da mãe de Deus: herança de seus pais. Até os padres mais próximos do povo aderiram a este costume salutar, não por convicção ou necessidade religiosa mas apenas em solidariedade ao jeito religioso de ser do povo.

Desse casal, respirando os ares religiosos da época e ainda em meio às histórias do milagre da hóstia que saía sangue na boca da Beata Maria de Araújo é que no dia 08 de janeiro do ano de 1942, nasceu Joaquim Izidro do Nascimento; ainda não fazia 10 anos da morte do padrinho Pe. Cícero Romão Batista

Na trilha da tradição religiosa familiar seguiram seus dois irmãos: Francisco já falecido, José Joaquim e suas 5 irmãs: Maria Izidro do Nascimento conhecida por Nena, falecida e Suzete também falecida. Solidade, Luzia e Toíinha compõem ainda o time da família do Sr. José Izidro do Nascimento e D. Maria Vieira do Nascimento. A família numerosa é uma característica do nordeste do Brasil; Na Bíblia do antigo testamento existia a convicção de que uma família numerosa era sinal da bênção de Deus. Quanto mais filhos, mais abençoada a família, Essa mesma mentalidade existia no interior nordestino na época do Sr. José Joaquim e D. Maria Izidro. Nem mesmo a televisão existia ainda e se existisse estava muito longe de chegar ao sertão cearense. O que, no máximo algumas famílias de maior poder aquisitivo possuíam era um rádio na sala para ouvir os programas das emissoras. Em Juazeiro especialmente todos os rádios estavam ligados no programa da récita do terço de tal forma que a cidade no fim do dia estava em oração. Televisão ainda nem em sonho; comentava-se a boca miúda que a grande quantidade de filhos era causada por falta de televisão em casa.

Em 1976, algo inusitado aconteceu na casa de Joaquim; numa noite de sexta feira da semana santa acolheu o convite dos salesianos para passar a noite fora de casa, em atividades exigidas pela pastoral. Passou a noite sem dormir na Colina do Horto com uma parte do grupo jovem que teve a missão de acompanhar uma significativa quantidade de gente da cidade que costumava vivenciar a paixão e morte de Jesus, no alto da serra. Foi estranho para Joaquim e foi estranho para a família de Joaquim; ele nunca havia dormido fora de casa. Pareceu o apocalipse para essa família.

Lázaro Alves do Nascimento, que teve formação no aspirantado salesiano e quase chegou a professar na Congregação Salesiana, é hoje um cooperador salesiano e mantém um oratório festivo em sua chácara, no bairro da Betolândia em Juazeiro do Norte: Oratório Nossa Senhora Auxiliadora. Lázaro assim se expressa sobre seu amigo Joaquim: “Nos idos de 1965 , conheci, no Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte, uma pessoa simples, mas que pela sua desenvoltura e relações humanas tornamos amigos. Trata-se de Joaquim Izidro do Nascimento. Era solteiro, muito religioso e vivia com os seus pais, pessoas muito modestas”. E acrescenta ainda Lázaro: “Sua vida honesta e simples, agradava a todos que o abordavam. Era muito sincero e não tinha medo de dizer a verdade, quando era necessário”.

A família do Sr. José Joaquim e D. Maria Vieira, Joaquim Izidro e seus numerosos irmãos continuam a tradição religiosa do fundador da cidade. No centro da casa os quadros do Coração de Jesus e do Coração de Maria e de lado, um outro que não pode faltar em nenhuma casa: o quadro do Pe. Cícero Romão Batista. A proximidade que a família de Joaquim Izidro tinha com os salesianos acrescentaram a esses quadros, aqueles santos da família de D. Bosco: S. João Bosco, N. S. Auxiliadora e São Domingos Sávio.

O Pe. Giovanni Rollo, sacerdote italiano que trabalhou no nordeste salesiano e também em Juazeiro do Norte assim se expressa sobre a vida de fé de Joaquim Izidro; “Cheguei em fevereiro do ano 1978 e fiquei 2 anos no Juazeiro. Eu era padre de apenas 3 meses quando cheguei por lá e tive a felicidade de encontrar logo Joaquim, Lourdinha (sua esposa) e os seus 2 filhos pequeninos. Fizemos logo amizade e notei desde os primeiros momentos que tinha encontrado pessoas muito religiosas, abertas e disponíveis com um coração grande, porque tendo acolhido Nosso Senhor nos seus corações, tinham também espaço para todos os pobres que batiam à porta da casa deles ou que encontravam na rua”.

E continua o Pe. Giovanni: “Era um homem bom, simples, humilde, disponível, amigo de todos, trabalhador, quando precisava fazer uma obra de bem, responsável, um verdadeiro pai para os seus filhos e um esposo fiel e tenro para a sua esposa. Era um homem de fé! A fonte da sua espiritualidade era Nosso Senhor Jesus Cristo e depois Dom Bosco do qual tinha atingido as características salesianas: freqüência à confissão e comunhão e sem nunca esquecer a oração. Dom Bosco tinha-se tornado o seu modelo inspirador e tinha-lhe imprimido no coração a paixão pelos meninos mais pobres e abandonados”.

Fazendo eco ao que o Pe. Giovanni Rolo diz, o Pe. Ricardo acrescenta: “Na sua simplicidade e na grandeza de seu coração entendeu Joaquim que a educação é direito de todos. Foi humilde e pobre, mas viveu ideais altos e nobres confirmando a palavra de Jesus: “...quem quiser ser grande, seja vosso servo e quem quiser ser o primeiro, seja o escravo de todos. Porque o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida como resgate para muitos” (Mc 10, 43-45).

Pe. Raimundo Benevides, coordenador da pastoral inspetorial e também inspetor dos salesianos do nordeste, confirma o que diz Pe. Ricardo: “Homem simples, esposo dedicado à sua família, Joaquim vivia com coerência cristã uma vida de cristão. Gostava

de participar ativamente na vida da Igreja. Estes traços falam de amor, de dedicação, de zelo pastoral que caracterizavam a figura do Joaquim”

O Sr. Robério Moraes ainda aponta para vida de espiritualidade de Joaquim ao afirmar: “Grande devoto de Nossa Senhora Auxiliadora, o catecismo por ele ensinado sempre foi uma lição de vida para tantos quantos o aprenderam; deixem vir a mim os meus oratorianos” (Velhas árvores III)

Lázaro destaca um fato cômico da dimensão de espiritualidade da vida de Joaquim: “Gostava de contar fatos de sua vida para fazer entender a sua mensagem evangélica. Disse-me um dia, que certa vez estava rezando o terço de pernas cruzadas, sentado em um banco do Santuário e o Pe. Francisco Pincovisck aproximou-se dele e lhe deu uma cipuada nas pernas, dizendo: “descruze as pernas na igreja” ele nunca mais rezou de pernas cruzadas”.

VOCAÇÃO

Joaquim Izidro nunca teve vocação para o sacerdócio ministerial, nunca quis ser padre mas, em toda sua vida viveu plenamente o sacerdócio a que todo cristão é chamado pelo batismo que recebe. Pode-se dizer sem medo de errar que Joaquim foi mais sacerdote que muitos padres e viveu mais radicalmente o evangelho de Jesus Cristo que muitos religiosos. No batismo somos ungidos sacerdote, profeta e rei. Em Joaquim essa dimensão sacerdotal, recebida no batismo foi vivenciada de forma radical. Considerava a vocação sacerdotal – sacerdócio ministerial – divina e por isso rezava pela perseverança dos sacerdotes e incansavelmente trabalhava pelas vocações sacerdotais e religiosas. Com espírito pastoral compreendia a condição e a situação daqueles que não conseguiam corresponder até o fim à vocação que Deus lhe confiou. Para ele valia o dito de Jesus: Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito (Jo 14, 2). Um padre que não prosseguiu no ministério poderia continuar seu sacerdócio de uma outra forma: construindo a cidadania no ensino universitário; participando ativamente na pastoral universitária, assessorando catequistas, pastoralistas, professores de ensino religioso; e se passou pela vida salesiana, fazendo tudo isso, segundo o coração de D. Bosco.

Joaquim também aplicava a si mesmo o dito de Jesus: se não fosse possível anunciar o evangelho no exercício do ministério sacerdotal ou na vida religiosa, haveria outras tantas maneiras de viver o sacerdócio comum dos fieis, aqui na terra, nesse mundo cheio de desafios. Ele escolheu ser salesiano cooperador; optou por cuidar dos meninos pobres e abandonados que freqüentam os oratórios e as diversas comunidades pobres de Juazeiro; assumiu o jeito salesiano de estar presente em meio à juventude.

O Irmão Salesiano Robério Moraes define bem a vocação de Joaquim ao afirmar: “A nossa Inspetoria tem sido pródiga no externar, do seu meio salesiano, leigos sem os votos evangélicos, dando de si através de um trabalho verdadeiramente de Dom Bosco em prol dos adolescentes e jovens que pululam na nossa sociedade em busca de “uma mão estendida”.

Durante toda sua vida dedicou-se totalmente à causa das vocações na Igreja de tal forma que não é fácil encontrar uma pessoa tão empenhada assim, nem mesmo dentro da Igreja e das congregações religiosas.

Luiz Moura lembra que quando ainda adolescente, deixou a família e rumou para o aspirantado em Jaboaão e Carpina, só pôde retornar para ver seus pais 3 anos após porque era pobre e não tinha dinheiro para passar as férias. Graças à generosidade do Pe. José Dantas da Silva veio ao Juazeiro rever seus pais nos meses de janeiro e fevereiro de 1961. Na sacristia da Igreja do Colégio Salesiano, que funcionava onde hoje é o teatro, pela primeira vez se encontrou com o jovem Joaquim Izidro que o chamou à parte e lhe confidenciou: “eu sou um benfeitor vocacional e angario dinheiro para ajudar sua permanência no seminário e de outros colegas” . Naquele momento ficou sabendo que Joaquim lhe ajudava a estar no aspirantado salesiano. Até então só conhecia duas pessoas que enviavam essa ajuda: Alzira Vitalino falecida em 1961, que fazia parte do coral da Igreja e Luci que ainda vive no bairro salesiano de Juazeiro, sem condições de poder sair de casa, já avançada em idade, conforme testemunho de Lourdinha a esposa de Joaquim. Essas pessoas eram conhecidas pelo nome de ‘benfeitoras’; sua função era recolher dinheiro para ajudar pessoas pobres a se manter no seminário. Joaquim fazia parte de grupo.

Foram muitas as pessoas orientadas e encaminhadas por Joaquim à vida religiosa masculina ou feminina, ao seminário ou outros tipos de vocação dentro da Igreja. Vamos ter o privilégio de acessar

alguns depoimentos de jovens sacerdotes, religiosos, religiosas orientados por Joaquim. Quem por primeiro se apresenta é o Pe. Cícero Oliveira, salesiano trabalhando atualmente na Paróquia N. S. das Dores em João Pessoa, PB.: “Foi uma das pessoas, com certeza a mais importante, que apoiou um projeto de vida que mudou o meu modo de ver o mundo. Acolheu-me como vocacionado, rezou comigo e por mim e suas palavras de apoio, incentivo não faltaram. Ao conversar com aquele menino tímido e de pouca expressão, Joaquim, por ser uma pessoa de Deus, lançou um olhar de fé, e acreditou em minha vocação para o sacerdócio, foi um anjo de Deus. Marcou-me por seu jeito simples de ser; eu nunca vou esquecer quando ele me pedia pra sentar e dizia, vamos conversar: ‘mas Ciço, rapaz, me diga ai, como você está’? Sua fé era tanta que mesmo em meio as dificuldades fazia de tudo para não deixar transparecer os problemas”.

O Pe. Paulo Lemos Pereira, da Basílica de N. S. das Dores, em Juazeiro do Norte lembra o quanto deve sua vocação a Joaquim: “Joaquim Izidro foi um dos promotores vocacionais. Quando eu o conheci e manifestei meu desejo de ser padre ele prontamente me acolheu em seu convívio, convidando-me para participar dos mensageiros de D. Bosco, grupo de catequistas que ele coordenava. Ele era um apaixonado promotor vocacional que ajudava verdadeiramente o jovem a decidir sua vocação, sem, contudo impor esta ou aquela opinião. Acompanhava, conversava, estimulava a pessoa. Em seu exemplo de esposo, de pai, de amigo, de cristão, catequista, em tudo ele colocava amor, paixão. Tudo ele fazia, fazia por amor. Para mim, sobretudo, chamava-me atenção sua espiritualidade eucarística e sua devoção mariana a partir da inspiração salesiana, elemento que dava vigor a sua ação pastoral e missionária. Joaquim Izidro para mim foi um exemplo de cristão autêntico, que evangelizava pela sua liderança carismática, apoiada no testemunho de amor, dedicação, serviço, fidelidade à causa de Jesus”.

Um outro amigo seu, de alma e coração oratorianos, Lázaro Alves expressa sua admiração sobre o trabalho vocacional de Joaquim: “Ardente apóstolo, não esquecia de incentivar as vocações. Fazia muitos encontros vocacionais. Muitos religiosos e religiosas saíram do seu oratório. Conheço algumas freiras que foram por ele orientadas e até mesmo, o Pe. Nonato, diretor emérito do Aspirantado de Carpina, foi uma cria do seu oratório”.

Completa o companheiro: “Sempre acompanhava as etapas de formação dos aspirantes. Era bastante atualizado. Sabia quantos iriam entrar no noviciado, quantos e quando iriam professar e os diáconos prestes a se ordenar. Quando tinha oportunidade ele ia assistir a festa deles”.

Uma das funções mais importantes do sacerdote é a orientação religiosa; requer formação segura e equilíbrio emocional. Os confessores mais procurados são aqueles que têm essas características e são capazes de tocar o âmago, a interioridade ou a alma (ânima) da pessoa. Joaquim não era um ministro ordenado para esse tipo de ministério dentro da Igreja, mas como ninguém, aconselhava a quem buscava e necessitava orientação. Era um mestre no aconselhamento. Quando Manoel dos Anjos foi dispensado dos votos religiosos na Congregação Salesiana, mais que qualquer outro necessitava desse tipo de ajuda. Foi em Joaquim que encontrou o amigo conselheiro: “Procurei então aproximar-me de Joaquim, buscando trocar idéias e orientação para o meu futuro. Lembro quando certa feita me perguntou como era minha vida na Congregação e o que pretendia fazer aqui fora. Ao ouvir atentamente a resposta e com o semblante sério, falou-me como um experiente conselheiro: ‘olha Manoel, nunca esqueça o que aprendeu na casa de Dom Bosco, porque aqui fora você pode continuar trabalhando para o Reino de Deus’. Eram palavras proféticas, pois após alguns anos de amizade sadia, sincera e desinteressada, passeávamos de bicicleta pelas ruas da cidade, parávamos em alguma praça, conversávamos sobre vários assuntos, mas em momento algum proferíamos

palavras que desabonassem a moral e a nossa conduta cristã. Ao contrário, eram diálogos que nos edificava. Enquanto eu relatava as experiências de minha vida religiosa, ele me alertava contra os perigos que o mundo nos oferecia, principalmente para mim, que ingressei no aspirantado ainda adolescente”.

UM CORAÇÃO ORATORIANO

É evidente que uma atividade da natureza dos oratórios demandava o trabalho de uma equipe bem consistente. Essa equipe era constituída de um salesiano que gostava e se identificava com esse modelo de trabalho e de leigos; as mulheres ajudavam apoiando seus maridos em suas casas ou fazendo alguma atividade quando solicitadas mas não se encontravam no local; nesse sentido as atividades do oratório, nessa época eram exclusivamente masculinas. O grande animador era Joaquim Izidro que sacrificava sua família, seus afazeres e se entregava de corpo e alma para dar vida ao oratório festivo. Partindo de Joaquim, outros animadores do bairro se uniam a ele para essa tarefa de evangelização criada por D. Bosco: Antônio Inácio, Pina, Chiquinho, Bosco Alves, Celso e tantos outros.

Esse amor de Joaquim ao oratório é antigo. Já menino de 9 anos, frequentava o Oratório do Colégio Salesiano de Juazeiro, no ano de 1951. Joaquim era muito pobre, o padre deu de presente a todos os oratorianos uma roupa de mescla e uma sandália de rabicho com pneu, Joaquim sempre chegava atrasado, porque só tinha essa roupa para ir a missa, e sempre vestia ainda molhada, os outros meninos achavam que ele tinha feito xixi; mas ele não deixava de ir para o oratório e fez a primeira eucaristia no Oratório do Colégio Salesiano de Juazeiro.

Reservamos aqui um testemunho de Izidro Jr. Sobre a participação de seu pai no oratório: “Entre milhares de lembranças, destaco agora imagens de quando eu acordava aos domingos e minha mãe pedia que levasse um lanche para meu pai, que estava no colégio salesiano desde muito cedo e ainda não tinha saciado sua fome de pão. Me dirigia ao colégio para entregar-lhe o alimento e entendia o quanto dependia dele a organização dos uniformes, bolas, apitos, cartões, súmulas, etc. INCANSÁVEL, essa é uma

das palavras que o identificam. Conversando com Seu Robério na última semana, ele me falou que Seu Joaquim era o primeiro a chegar e último a sair do Oratório”.

Em 1978, chega a Juazeiro um salesiano, recém-ordenado sacerdote, também apaixonado por oratório: O Pe. Giovanni Rollo. Qualquer salesiano que chega para trabalhar na comunidade salesiana de Juazeiro tem por obrigação visitar a casa de Joaquim e sua família; não foi diferente com o Pe. Giovanni. A afinidade entre os dois se estreitou devido a sintonia de atividade: o oratório. O Pe. Giovanni que considerava a família de Joaquim a sua família no Brasil assim se expressa:

“O nosso primeiro trabalho foi no Oratório onde Joaquim se dedicou desde já com muito entusiasmo, muita alegria e paixão. Daquele momento nada parecia impossível para ele. Além do trabalho com o qual sustentava a família, dedicava muito do seu tempo livre à Igreja, aos meninos e o povo mais simples e às obras de caridade. Depois de alguns meses, junto a outros leigos, começou a se preparar a ser Salesiano Cooperador porque sentia um forte amor a Dom Bosco e uma grande paixão pelos meninos pobres. O seu grande coração nunca dizia chega! No entanto a nossa amizade foi crescendo cada vez mais a tal ponto que eu podia contar sempre com a sua pessoa para tantas atividades pastorais e ele me chamava muitas vezes onde tinha precisão do padre”.

O irmão salesiano Robério Moraes que trabalhou em Juazeiro do Norte mais diretamente ligado às atividades do Colégio acompanhava sistematicamente as atividades do oratório que tinha suas atividades no recinto do colégio, pois era amante incondicional dos esportes; era também fundador e diretor de um time ora ligado ao colégio ora ligado ao oratório chamado Vasco do bairro. Assim se expressa ele sobre o coração oratoriano de Joaquim:

‘fez e deixou historia nos anais da obra Salesiana de Juazeiro do Norte no trabalho em favor da obra primeira do Santo querido da Juventude: O Oratório.

Aos domingos, bem cedo, a passos largos, pelos pórticos do colégio salesiano, o Sr. Joaquim Izidro cuidava de arrumar desde o apito para os jogos do dia à catequese e merenda das dezenas de jovens que não tardariam a chegar para o lazer semanal. Era o primeiro a chegar e o último a sair.

O Sr. Inácio, poeta e cantador, o Sr. Macário, o então Pe. Moura, entre outros, pessoas quais anjos da guarda davam força nos vários misteres do dia.

A generosidade personificada, o sorriso sempre franco, contrastavam com as atitudes disciplinares que tomava para a boa formação e educação dos seus jovens “comandados”. Jamais uma grosseria, uma palavra de duplo sentido que pudesse desdizer do papel de educador saiam de sua boca. A “moral” imposta entre seus adolescentes era a sua maneira de ser.

A exemplo de Dom Bosco sabia escolher entre os próprios jovens aqueles que lhes eram ajudantes nas horas da recreação. Eu dizia, às vezes: “Seu Joaquim, pare um pouco”. E ele olhando para o relógio, com o sorriso matreiro, respondia: “ainda temos um pouco de tempo”, e saía para atender a um chamado”.

Lázaro Alves, do Oratório N. S. Auxiliadora, deixa seu testemunho sobre o amigo de alma oratoriana: “Joaquim era animador do oratório do colégio salesiano e gostava muito de cuidar dos jovens, ensinando-lhe o catecismo. Ele procurava implantar no coração daqueles garotos, o amor de Jesus Cristo, a devoção a Nossa Senhora e Dom Bosco. Tinha muita facilidade de transmitir a sua mensagem, pois era muito devoto de D. Bosco e vivia integralmente à sua fé”. E acrescenta Lázaro: “Apesar de não ter muito estudo, conseguiu absolver o amor ao próximo e, como cristão autêntico, fazia tudo para que o reino de Deus

fosse conhecido. Como bom catequista e animador de oratório, corria, pulava com os meninos, adquirindo amizade e plena confiança deles. Gostava de ensinar aqueles cânticos simples que transmitiam uma grande mensagem e penetrava o amor de Deus no coração das crianças, tal como:” Eu tenho um amigo que me ama, que me ama... esse amigo é Jesus”. E a garotada gostava e repetia muitas vezes. Não se pode nem calcular o efeito produzido, pois, uma música simples e atraente, é como uma chuva fina que penetra e fecunda a terra”.

Não há como dizer “Joaquim”, em Juazeiro do Norte e não lembrar de imediato do “oratório”; é completa identificação. Da mesma forma como dizemos que o filho tem a cara do pai, analogamente podemos afirmar que Joaquim tem a cara do oratório.

De forma diferente, Pe. Ricardo Sobrinho escreve: “Não é possível contar a história dos Oratórios em Juazeiro do Norte sem nos depararmos com a figura de Joaquim. Não só na Casa Salesiana onde foi ele presença educativa em meio aos meninos do Oratório, mas identificou toda a sua família com a vida e missão do Oratório de Dom Bosco transformando sua própria Casa em “... casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que encaminha para a vida e pátio para se encontrarem como amigos e viverem com alegria” (Constituições Salesianas, 40).

ORATÓRIO PADRE LUIZ CASSIANO

A missão salesiana começou com uma aula de catecismo que foi a raiz do oratório. O oratório inspira D. Bosco a reunir jovens e criar a grandiosa obra de evangelização confiada aos salesianos e salesianas, espalhada no mundo inteiro. O oratório nasce do coração de D. Bosco e no coração de cada salesiano e salesiana deve estar.

Na realidade, há hoje salesianos muito envolvidos com os oratórios e outros mais envolvidos com outras formas de presença como paróquias e escolas. Há inspetores, diretores, padres, irmãos, aspirantes ou noviços de coração mais oratoriano e por isso mais voltados para as atividades do oratório e outros menos ou sem nenhum interesse pelos oratórios. Quando o inspetor tem coração oratoriano, há oratório funcionando em todas as presenças. Quando isso não acontece o oratório só funciona quando na comunidade salesiana há algum salesiano que ame este tipo de atividade. Nem sempre é gratificante trabalhar com oratório; dá trabalho e toma o tempo de descanso ou lazer; é mais gratificante ir a uma praia que cuidar de meninos pobres

No final da década de 70 e início da década de 80 chega ao nordeste um inspetor vindo da inspetoria de Porto Alegre; seu nome: Pe. Antônio Possamai. Entre suas propostas de trabalho uma era explícita: o retorno ao oratório; conseguiu a até certo ponto, reavivar na inspetoria, os oratórios adormecidos e até convocou reuniões inspetoriais com essa finalidade.

Em Juazeiro do Norte não foi diferente das demais casas da inspetoria; havia época em que o oratório ia de vento em popa e também época em que os salesianos não se interessavam por ele.

Joaquim Izidro Júnior conta como isso aconteceu em Juazeiro: “na segunda metade da década de oitenta, o oratório já não

estava sendo realizado. Seu Joaquim tinha ficado com um certo vazio no peito pela necessidade dessas atividades uma ausência que impulsionou novas buscas (se não fossem as ausências não existiria buscas). Em 1988, Seu Joaquim acalmou seu coração quando, junto com amigos, fundou o Oratório Pe. Luiz Cassiano (homenagem a um padre salesiano que ele muito admirava), num bairro pobre, conhecido na época como ‘beira da linha’ (próximo ao matadouro antigo). Não precisava tanto para começar o trabalho, apenas uma frondosa mangueira e um campo de futebol, já era muita coisa para quem tinha vontade de sobra. Semanalmente, também aos domingos, após um trabalho de catequese, à sombra do ‘pé de manga’, havia lanche e jogos. Eu, já crescido, o ajudava e aprendia mais...”

Da mesma forma que não foi fácil para D. Bosco iniciar um trabalho assim, imagine para Joaquim. Um oratório no espaço do colégio é uma coisa; um oratório debaixo de uma mangueira é outra coisa; não havia desafio que Joaquim não enfrentasse com fê, esperança e muito amor, aos meninos mais pobres.

Como Joaquim conseguiu levar em frente e manter o oratório Pe. Luiz Cassiano? O filho, Izidro Júnior continua: “o aumento do número de jovens o fez buscar outros lugares para que o funcionamento fosse possível. Passou assim por várias escolas, sendo muitas vezes convidado a mudar de lugar por conta da agitação do tipo de trabalho (jovens fazem barulho). Escutava sempre dele que isso era normal e citava Dom Bosco como exemplo de vários “despejos” e a persistência que o fez continuar. E o oratório “de Seu Joaquim” continuava...”

O oratório continua e no dia 28 de agosto de 2011 inaugura suas primeiras salas em um terreno doado a alguns anos, também próximo à linha de ferro, um pouco além da primeira localidade. No dia 28 de agosto de 2011, domingo, Joaquim Izidro Júnior afirmou: “Já são 13h45 desse domingo, por essas horas Seu Joaquim almoçava com uma enorme sensação de dever cumprido,

a mesma sensação que partilho hoje e percebo o quando podemos ser feliz num domingo...” manifestando também “uma infinita alegria pela dádiva de tê-lo como pai e precisou escrever essas linhas para lembrar de suas raízes”.

O amigo Lázaro Alves que conhece muito bem o coração oratoriano de Joaquim, e como Joaquim tem o domingo reservado ao oratório, descreve com outros detalhes o oratório Pe. Luiz Cassiano: “fundou o Oratório Padre Luiz Cassiano. Esse oratório parecia muito com o de Valdoco, pois era itinerante. Funcionou, com mais de trezentos meninos, no Colégio Salesiano, depois, na Escola de Menores, que antes era a Escola Agrícola São José, preparação de aspirantes e hoje, entregue ao Estado para formação artesanal. Depois funcionou no Colégio Pelúcio Macedo, passando para o pátio da Escolinha Carinho da mamãe e a sua última atuação em vida, na Escola Municipal Antonio Conserva Feitosa, onde tem, hoje, uma quadra com seu nome, homenagem justa da Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte. Essa mudança acontecia, tão somente pela algazarra e travessura dos meninos que, como sempre, são inquietos”.

A mesma sensação é partilhada pelo casal Nayany Joissy de Lima Correia e Johnathan de Lima Correia, quando afirma: “No início foi uma luta difícil pois, não existia recursos suficientes para se ter uma sede própria, resolveu reunir um grupo pequeno de crianças e os ensinar em baixo de uma mangueira ao lado da linha férrea, no bairro Antônio Vieira. De lá passou por escolas, pela capela de Nossa Senhora Auxiliadora, até chegar ao Colégio Carinho de Mamãe, ambas no mesmo bairro, onde reuniu um grupo maior de crianças e adolescentes que passavam a manhã dos domingos, onde tinham oportunidades de lanchar, brincar e aprender sobre as maravilhas realizadas por Deus; além disso também aprendia a ter respeito por todos e a buscar sempre a Deus”.

O oratório Pe. Luiz Cassiano ou o oratório de Joaquim era muito mais que isso; era verdadeiramente uma grande família.

O oratório era uma extensão de sua família biológica. Lázaro afirma: “mensalmente fazia reunião com os pais dos oratorianos e para motivar a frequência criava estímulos com prêmios, e no final do ano, fazia a confraternização geral”.

E continua o casal Nayany e Johnnathan: “E assim foram se passando os dias até que em 11 de junho de 2001 faleceu; mas com a certeza do dever cumprido. Ele não teve a oportunidade de ver o Oratório em sua sede, mas sabemos que ele lutou para que isto se realizasse. Depois da sua morte a luta continuou pelos demais parentes e amigos que catequizavam as crianças. (...) Ele era para todos nós, um conselheiro, um amigo, em fim, um Pai. No qual tínhamos muito carinho e admiração”.

MORRE UM CORAÇÃO ORATORIANO

“Se a morte faz parte da vida
E se vale a pena viver
Então morrer vale a pena”

VALE A PENA - Gilberto Gil

Gilberto Gil certamente nunca estudou teologia mas o que escreve e canta sobre morte é profundamente teológico: “Se a morte faz parte da vida e se vale a pena viver, então morrer vale a pena”. O ex-ministro artista, compositor e cantor compreende que o sentido da morte passa pelo sentido da vida. Se a vida é carregada de sentido sua morte certamente será carregada de sentido. A morte de Gandhi, a morte de Martin Luther King ou de D. Helder são carregadas de sentido. Não há como imaginar que essas pessoas tenham morrido; continuam vivas e presentes em nosso meio. Outros compositores da MPB insistem na mesma compreensão de morte não como fim mas como começo é o caso de Rodger Rogério – do grupo o ‘Pessoal do Ceará’ –, que na música “Falando da vida” afirma:

“Se a morte, se a morte vier me encontrar
Ela sabe que estou entre amigos
Se a morte, se a morte vier me encontrar
Ela sabe que estou entre amigos
Falando da vida, falando da vida
Falando da vida, e bebendo num bar
Falando da vida, falando da vida
Falando da vida, e bebendo num bar”

É verdade que Joaquim não era de viver ‘bebendo num bar’ mas era de falar da vida e de estar entre amigos; e se é verdade que existe no céu um “jardim salesiano” ele está muito bem na companhia de D. Bosco, Madre Mazarello, Domingos Sávio, a

cooperadora salesiana Dorotea Chopitea, Pe. Luiz Cassiano, Pe. Francisco Pinckosvisky e muitos outros.

A morte, na compreensão cristã não é morte mas, vida nova, plena e verdadeira; por isso a festa dos santos é celebrada a vida não tirada mas transformada”

Na segunda feira do dia 11 de junho de 2001, depois de cumprir a missão que Deus lhe confiou aqui nessa terra, voltava Joaquim Izidro para a casa do Pai, com 59 anos de idade; Ele não gozava de boa saúde; um problema ainda na juventude afetou sua vida, deixando como seqüela aparente apenas uma gagueira na voz. Sua irmã Salete faleceu também na juventude com o mesmo problema de saúde. Joaquim não serviu o exército por causa de uma congestão; ele comeu manga com carne de bode, isso para mostrar a fragilidade de sua saúde.

E voltando a falar de Joaquim, Robério Moraes afirma: “Uma figura ímpar que a voragem do tempo se encarregou de levar para si”.

É o filho Izidro Júnior que conta com detalhes os últimos momentos do pai: “Terça-feira, 12 de junho de 2001. Manhã de sol. Olhei a fachada desgastada do jazigo, como se quisesse penetrar com os olhos. Firme e consciente, tive vontade de cantar, o mais alto que pudesse para acordar os céus. Diante de um grande número de pessoas cantei para meu pai uma música que ele gostava muito:

‘Vem. Aqui é tua casa menino. Vem.
Teu crescimento vai ser
muito mais que um simples tamanho.
Muito mais além’. (música de Antônio Cardoso)

Eu não o via há meses e voltei do Recife para Juazeiro do Norte na noite do domingo, entrando na madrugada. Sem sono, no embalo do ônibus, na estrada escura, apenas o céu e suas estrelas, meu pensamento sem largá-lo, imaginando sua dor num leito de UTI... Cheguei segunda-feira logo cedo, junto com o sol. Após ser

acolhido por minha mãe, segui para o hospital na cidade vizinha de Barbalha/CE. Entrei na Unidade de Terapia Intensiva e encontrei meu amado pai entre fios e tubos. Ele não pôde falar nem me olhar, mas nos sentimos. Demorei alguns instantes acariciando suas mãos, olhando-o com carinho e saudade. Saí para conversar com o médico e após poucos minutos uma enfermeira o chamou em particular. Meu pai havia partido.

Coube-me avisar aos familiares. Conteí a notícia, com os olhos e abraços, à minha querida mãe e a minha irmã. Com poucas palavras, avisei a duas de suas irmãs. Fiquei durante toda a manhã da segunda-feira providenciando burocracias do funeral, consegui dinheiro emprestado para comprar um caixão, organizei o velório. Como meu pai era muito ligado à Igreja católica, em especial à Congregação Salesiana, conseguimos que ele fosse velado no salão paroquial da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, pois nossa casa seria pequena para receber tanta gente. A Igreja era sua segunda casa, muitas vezes foi a primeira. Cheguei com seu corpo ao salão paroquial por volta do meio-dia da segunda-feira. Quis ficar ao seu lado, em uma cadeira, durante toda tarde e toda noite, até me despedir dele na manhã de terça-feira. Tinha tanta saudade que precisava ficar do seu lado o máximo de tempo, apenas olhando-o.

O sepultamento aconteceu às 8h do dia 12 de junho de 2001.

Para a teologia cristã, a morte não é um fim mas nascimento; nossa vida tem três etapas: a primeira etapa é o tempo em que a gente se encontra na barriga da mãe; tem a duração de 9 meses; depois disso há uma ruptura nessa forma de viver; somos atirados para fora da mãe e iniciamos uma vida totalmente independente; a essa ruptura chamamos de nascimento mas esse nascimento é também morte porque morremos ou desaparecemos de dentro do seio da mãe; é nascimento para quem se encontra no lado de cá da vida, fazemos festa, escolhemos nome, preparamos para o batismo. Nascer é o mesmo que morrer e morrer significa viver. A segunda etapa é a vida que a gente vive agora: alguns vivem 15, 20, 50, 80

100 ou mais anos. Após isso, nova ruptura; partimos dessa forma de viver para uma outra vida; a essa ruptura chamamos de morte mas a teologia cristã nos assegura que é apenas uma passagem para um novo jeito de viver em Deus e denomina essa nova forma de vida: vida glória, vida eterna ou vida da ressurreição. Essa nova de existir em Deus é o que constitui a terceira etapa da nossa vida misteriosa

Na fé acreditamos que Joaquim Izidro já vive em Deus e vive a vida que, nessa terra, nesse vale de lágrimas, sonhamos para nós; na morte nada de choro, nada de tristeza; é aqui que começa a vida da ressurreição, a vitória da vida sobre a morte, a vida plena e verdadeira. Para Joaquim vale as palavras do livro do Apocalipse: “então enxugará toda lágrima de seus olhos e já não haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor, porque passou a primeira condição” (Apoc.21, 4).

Seu amigo Lázaro, também de coração oratoriano como ele, diz: “Somos muito felizes por esse santo que viveu entre nós. Temos plena certeza que hoje, é um integrante do ‘paraíso salesiano’, vez que preencheu as qualidades exigidas de um fiel salesiano e pelos seus méritos tingiu as vestes no sangue do Cordeiro”. E Robério Moraes acrescenta: “Uma figura ímpar que a voragem do tempo se encarregou de levar para si. Hoje seu nome é lembrado por todos aqueles que foram beneficiados com o suor do seu rosto. Deixou-nos sua lembrança no Oratório “Padre Luís Cassiano”, tendo a frente Dona Lourdinha, dispensadeira dos mesmos trabalhos do saudoso esposo. Verdadeira árvore frondosa sempre acolheu à sua sombra a quem necessitasse de sua mão benfazeja. Grande devoto de Nossa Senhora Auxiliadora, o catecismo por ele ensinado sempre foi uma lição de vida para tantos quantos o aprenderam; “deixem vir a mim os meus oratorianos”.

Da Itália, o Pe. Giovanni Rolo também falou da morte do amigo: “A morte improvisa e em tão jovem idade o levou aos afetos dos seus familiares e amigos deixando assim um grande vazio no coração e na vida de todos os que o conheciam. Estou certo que

Nosso Senhor o recompensou por seu trabalho e que hoje ele continua a interceder por todos nós. Eu continuo a recordar-lo com muito amor, afeto e gratidão a Deus por ter-me feito dom por um pedaço de estrada da minha vida.

Seu filho Izidro Júnior que acompanhou seus últimos instantes na unidade hospitalar, no velório do pai, o homenageou com a canção “estalo do medo”, fazendo lembrar as “incelenças” do sertão nordestino com a participação de mulheres como dona Sebastiana, Antônia do Nascimento (sua tia), dona Lúcia (tia) e Lourdinha sua mãe, tal qual carpideiras em louvação ao falecido ao som da sanfona chorosa de Fábio Carneirinho, secretário municipal e artista Juazeirense.

ESTALO DO MEDO

Joaquim Izidro Jr

Olhei nos olhos do tempo. Ausente.
O calendário solar. Luar.
Sendo levado nos braços da noite
Pra teu abraço encontrar. Será?

Que longa estrada é essa. Quando vou chegar?
Sem sono, contigo na mente, no embalo do vento...
Há tempo? Quando vou chegar?

Rompeu-se a aurora no verde da cana
Da água fria do rio bebi
No lar de tantos sem lar. Voltei.
Sem tua bênção bendita. Parti.

Que longa estrada é essa. Quando vou chegar?
Sem sono, contigo na mente, no embalo do vento...
Há tempo? Quando vou chegar?

Cheguei no templo de mim. Enfim.
Num breve e longo momento. Calei.
Nossa presença sentida. A vida.
Saiu por onde eu entrei. Chorei.

Que curta estrada é essa. Onde vou chegar?
Estalo do medo no peito. Na curva do vento...
Sem tempo. Onde vou chegar?

“E assim estaremos para sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras” é o que está escrito no texto mais antigo do novo testamento, na primeira carta que Paulo escreveu aos cristãos de Tessalônica. A vida de Joaquim como a de tantos outros é vida carregada de sentido.

Nossa vida é como semente tem que morrer para produzir muitos frutos; na morte está escondida a vida. Quem aqui fica, chora; sente porque os lugares que ele ocupava agora permanecem vazios. A cama que dormia, o lugar à mesa, a cadeira tornam-se símbolos da presença do ausente. Na morte é que se é glorificado. Cristo foi glorificado na morte.

“É chegada a hora para o Filho do homem ser glorificado. Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto”(Jo 12:24).

A esperança é a última que morre, segundo a voz do povo. E o povo tem toda razão. A esperança é a de nos encontrarmos um dia, na casa do Pai. A esperança da ressurreição é que nos leva a rezar por aqueles que nos precederam. E ela segue conosco o tempo todo. Essa esperança nunca morre. Jesus Cristo nos antecedeu na morte e na ressurreição. A esperança da ressurreição nos leva, ainda mais, ao encontro e ao respeito dos outros homens e de suas existências. A separação pela morte é passageira, não será definitiva: se vivermos no amor, um dia nos encontraremos todos, no seio amoroso de Deus. Jesus Cristo é a nossa esperança, diz

Paulo na sua carta aos Colossenses (Col 1,27). Por isso, as missas e orações pelos entes queridos, são celebrações da esperança e não das saudades ou dos mortos. Nós cremos na vida eterna.

A tradição cristã dá muito valor a três virtudes que nos vêm de Deus: a fé, a esperança e a caridade. A esperança é a segunda virtude teologal. O seu símbolo é uma âncora. Desde os primeiros séculos, os cristãos desenhavam e esculpiam âncoras nos túmulos, manifestando sua esperança na ressurreição do falecido. Os cristãos assimilavam a forma da cruz com a da âncora, como uma espécie de cruz invertida.

A âncora evoca essa pesada massa de ferro, capaz de reter o barco diante das inconstâncias do mar e da deriva. Essa é a função da esperança em nossa vida. Símbolo de firmeza, a âncora evoca a solidez, a segurança, a tranqüilidade e a fidelidade. No meio da mobilidade do mar, a âncora é estável, imóvel, fixa e constante. A âncora lembra, em cada um de nós, a capacidade de manter a calma, a lucidez e a firmeza diante de turbilhões dos sentimentos e atos da vida. A correnteza e a maré não arrastam os barcos quando estão bem ancorados. O mesmo ocorre com quem tem esperança.

A última garantia dos marinheiros nas tempestades é a âncora e, por isso, ela está associada fortemente com a esperança. Sobre a esperança cristã, diz a Bíblia: "Esta é, para nós, como âncora da alma, fixada com muita firmeza, que penetra para além do véu, ali onde Jesus entrou como precursor em nosso lugar..." (Hb 6,19-20). Ao ancorarmos nossa alma em Jesus Cristo, evitamos o naufrágio espiritual e nos preparamos para o encontro com o próprio Deus, na hora de nossa hora, na ressurreição dos justos, para "além do véu".

"Minha âncora e minha cruz", diziam os místicos cristãos. Não desejamos e nem devemos nos abandonar às correntezas da natureza e do mundo, pois nos fixamos na fonte de toda graça que é Jesus Cristo.

Quando o moribundo dá seu último suspiro, para os cristãos, ele acabou de nascer. Começou a nascer no batismo e agora completa o seu nascimento. É o verdadeiro dia do nascimento, o ‘vere dies natalis’, tão evocado pela Igreja ao longo dos séculos. Pela morte, o cristão entra na Vida em Plenitude. Nisso se ancora a nossa esperança. Esse nascimento cósmico está associado à idéia da morte como um segundo parto, banhado de esperança. Como dizia o padre Antonio Vieira, ”a mais fiel de todas as companheiras da alma é a esperança”.

O Pe. Ricardo Sobrinho, é da região do Cariri, cearense portanto e, por ter sido inspetor salesiano, conheceu Joaquim e seu trabalho bem de perto. De forma poética se expressa sobre o retorno de Joaquim para os braços do Pai: “Das tantas pessoas que passam por este mundo, há aquelas que vivem apenas o tempo suficiente para deixar saudade... Lembrando você, recordo a historia da filhinha de Du Perier, um escritor das primeiras letras da literatura francesa. Sua filhinha, a quem ele muito amava, morreu muito nova ainda. Chamava-se Rose. Seu pai, poeta, lhe dedicou uma poesia que começa assim: *Et Rose, elle a vécu ce que vivent les roses l’espace d’un matin...*” *Rose viveu o tempo que vivem as rosas: O espaço de uma manhã!* Eu me lembrei da história de Rose. Joaquim foi assim. Viveu poucos anos, mas tudo aquilo que pensou, disse e fez na sua simplicidade e pobreza, foram feitos gloriosos de longos anos. Bom esposo, bom pai de família, amigo de todos. Todavia, sua marca maior, que muito bem define todo o sentido de sua vida e personalidade e que poderia muito estar gravada em seu túmulo, deveria ser: **Foi Salesiano Cooperador**”. E acrescenta: “Alegra-nos saber, Joaquim, que você, encontrado maduro, está hoje feliz com Nossa Senhora Auxiliadora e com Dom Bosco no céu integrando “... o vasto movimento de pessoas” que Deus chamou e enviou para a salvação dos jovens, especialmente os mais pobres, os seus queridos oratorianos. Obrigado, Joaquim e peça a Deus pelos nossos Oratórios e por todos nós, seus amigos!”

Seu amigo Manoel dos Anjos, de Juazeiro do Norte, sensibilizado com a morte do amigo, atesta: “Joaquim partiu para a casa do Pai, mas continua vivo entre nós com o exemplo de vida para todos os que tiveram a graça de conhecê-lo. Guardo comigo uma pequena imagem de Nossa Senhora e uma medalha de Dom Bosco que ele me ofereceu, como relíquia daquele que o reputo não só como meu melhor amigo mas acima de tudo modelo para aqueles que desejam trilhar os caminhos da santidade”.

E Lázaro acrescenta: “Somos muito felizes por esse santo que viveu entre nós. Temos plena certeza que hoje, é um integrante do “paraíso salesiano”, vez que preencheu as qualidades exigidas de um fiel salesiano e pelos seus méritos tingiu as vestes no sangue do Cordeiro”.

É tanta a certeza que Joaquim vive que, no IX Congresso Nacional dos Salesianos Cooperadores, realizado em Recife de 23 a 26 de julho de 2009, em Recife, com tema: COOPERADOR SALESIANO: É HORA DE TESTEMUNHAR, há uma ilustração com 7 cooperadores cuja causa de beatificação foi iniciada na Igreja. Logo abaixo 3 cooperadores brasileiros do nordeste são homenageados: Joaquim Izidro do Nascimento (de Juazeiro do Norte), Ivanildo Félix (de Carpina) e Dona Tereza (de Recife).

No sentido ainda de conservar a memória viva desse irmão cooperador salesiano, é que esse congresso distribuiu aos participantes uma placa comemorativa, num formato de relógio, onde cada hora correspondia a um cooperador salesiano: Joaquim marcava a hora 11.

EPITÁFIO

‘**Epitáfio**’ vem do grego antigo, e significa, literalmente, ‘sobre o túmulo’. É um texto inscrito em lápides e placas que buscam homenagear o defunto. Normalmente é redigido em versos, mas há exceções. Há muitos e célebres epitáfios como o que está escrito sobre o túmulo de Fernando Sabino, escritor mineiro: “Aqui jaz Fernando Sabino, que nasceu homem e morreu menino. (cf. www.dicionarioinformal.com.br). Eles vêm em todos os tipos e cores, daqueles que deixam uma lição para a posteridade.

O grupo musical Titãs tem uma música que tem o nome de Epitáfio mas o que chama atenção é que essa palavra não aparece ao longo da música. Diz-se que seria uma escrita póstuma; já que não pode fazer isso na vida, agora é só arrependimento.

Talvez ninguém tenha pensado num epitáfio para Joaquim; nem a família, nem os salesianos e nem os amigos. Bem que poderia ser:

“Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé.” (2Tim 4:7). Joaquim guardou a fé, combateu o bom combate e continua a carreira porque os que têm fé nunca morrem.

Sobre seu túmulo, um amigo não identificado, deixou um escrito sem muitas pretensões que caracteriza a memória que jamais morrerá, do amigo que se foi:

“CONTINUO PENSANDO QUE TUDO ISSO É UM GRANDE PESADELO; A TUA AUSÊNCIA NOS DEIXA CONFUSOS. MAS OS TESTEMUNHOS DE TUA VIDA, AO PASSO QUE VÃO SENDO REVELADOS, INUNDAM OS NOSSOS OLHOS E ALMAS; A FORTALEZA AOS TEUS FILHOS, ESPOSA NOS ENCORAJA PARA SEGUIR EM FRENTE. JAMAIS DEIXAR MORRER AS PLANTAS QUE PLANTASTES. NÃO DEIXE DE NOS ASSISTIR! E QUEM SABE NUM ATÉ BREVE

NOS ENCONTRAREMOS NO JARDIM SALESIANO A NÓS
RESERVADO.

O texto não tem identificação mas deixa entender claramente que se trata de um alguém (do sexo masculino) ligado diretamente à vida salesiana ou quem conhece em profundidade a família salesiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSCO, Terésio, DOM BOSCO, uma biografia nova, 6ª edição, trad. De Hilário Passero, Ed Salesiana, 2002, São Paulo, SP.

FERRAZ, ANDRÉ, ORATÓRIO SALESIANO – um exercício de fé e cidadania – EDBAO, Recife, 2001.

JUNIOR, Joaquim Izidro do Nascimento, ROGAI POR NÓS: RELIGIÃO, MORTE E ANTROPOLOGIA, dissertação de mestrado, UFPE, Recife, PE, 2011.

MORAES Robério- VELHAS ÁRVORES – III, Inspetoria Salesiana do Nordeste do Brasil, Salesianos cooperadores, Recife, Pe., s/data.

QUATROFONIA – o verbo e o som, DVD gravado ao vivo no SESC Santo Amaro em fevereiro de 2011 – Recife - PE.

 INSPETORIA SALESIANA
DO NORDESTE DO BRASIL **115**
Anos